

A FALA NA CONSTRUÇÃO DO PAPEL MATERNO: DISCUSSÃO PRELIMINAR

Aglael Juliana Aparecida Gama (UNICAMP)

Na compreensão de qualquer manifestação humana faz-se sempre presente a controvérsia com relação à contribuição daquilo que é inato, e que diz respeito às próprias capacidades do sujeito, e daquilo que é construído, e que diz respeito ao papel do meio na transformação dessas capacidades. Ao tentar explicar o aparecimento da linguagem na criança, não escapamos a essa discussão.

Neste trabalho focar-se-á o papel do meio na transformação da criança num sujeito falante, uma vez que, da observação de uma criança imersa nos cuidados prestados pelo meio para sua sobrevivência e bem estar, surgiu o interesse pelo caráter que a fala e a ação da mãe assumem nessa circunstância.

Diferentes têm sido os papéis atribuídos à mãe, nas várias perspectivas adotadas nos estudos em aquisição da linguagem (Palladino, 1982). A insatisfação com o paradigma chomskyano dominante na área (Clark, 1976; Oller, 1975), assim como, com as abordagens ditas cognitivistas (Bates, 1976), levaram-nos à adoção da proposta sócio-interacionista (De Lemos, 1979).

Assim, partindo do pressuposto sócio-interacionista de que rastreando-se a gênese da estrutura comunicativa na história interacional do par chega-se ao precursor da comunicação, uma vez que todo conhecimento é fruto de um trabalho desenvolvido em co-autoria pelos parceiros interacionais (Maia, 1981, 1982; De Lemos, 1982), em junho de 1985, Maria de Jesus Gonçalves e eu iniciamos uma coleta que caracterizou-se pela centração na relação entre mãe e criança e pela utilização de um método longitudinal.

A coleta apresentava uma tripla novidade em relação àquelas fornecidas, até então, pelos trabalhos realizados dentro da perspectiva sócio-interacionista. Tratava-se (1) da obtenção dos registros mais precoces conseguidos quanto à idade da criança, que correçou a ser gravada com um mês e três semanas, (2) da maior duração de uma coleta, um ano e onze meses e (3) do fato das gravações serem feitas em vídeo.

O intervalo entre as gravações foi de quinze dias e o tempo de duração das mesmas obedeceu à sequência dos cuidados prestados à criança no período em que se dava a gravação (por exemplo, amamentação, banho, troca). Tal sequência foi basicamente a mesma durante todo o primeiro ano de vida da criança, sendo que as modifica-

ções ocorridas a partir dessa data foram devidas, em grande parte, às aquisições motoras da criança, dentre as quais o andar foi determinante.

Durante a realização da coleta, surgiram dificuldades com relação ao uso da câmera, que determinava o recorte visual que fazíamos daquela realidade. As primeiras gravações foram feitas com a câmera no tripé. Porém, a observação das mesmas mostrou-nos que isso limitava a diversidade de ângulos que poderiam ser obtidos da mãe e da criança e, também, a aproximação ou o distanciamento que podíamos fazer da imagem de uma, de outra, ou de ambas. Passamos então, a manipular a câmera sobre nossos ombros.

A aproximação ou não da imagem acabou se configurando num problema que permeou toda a coleta, principalmente pela preocupação em enquadrar a diáde o tempo todo. Além disso, aproximar a imagem para obter detalhes significava perder aspectos de um contexto mais amplo e vice-versa. Portanto, estamos conscientes das limitações que tais decisões com relação ao uso da câmera impuseram às imagens captadas por nós durante a coleta, mas cremos, por outro lado, que essas limitações são inerentes à própria metodologia e não poderiam ter sido evitadas.

Com relação à transcrição dos dados, foram aceitas as sugestões propostas por Ochs (1979) quanto à disposição física do conteúdo da página, que obedece à convenção através da qual a linguagem escrita é decodificada na nossa cultura, ou seja, de cima para baixo, da esquerda para a direita, sendo que a ocorrência das ações e vocalizações/verbalizações dos participantes no tempo é expressa pelo seu aparecimento em linhas sucessivas no texto transcrito, onde ações e/ou vocalizações/verbalizações ocorridas simultaneamente para um mesmo participante ou dentre os dois são dispostas na mesma linha.

Além destas, foram adotadas as sugestões de divisão do comportamento dos participantes em colunas e, dentro destas, a divisão entre o comportamento verbal e não-verbal de cada participante, sendo que as colunas referentes à mãe aparecem à esquerda daquelas referentes à criança, conforme a tradição dos estudos em aquisição da linguagem, o que reflete, segundo a autora, o pressuposto dominante na área, do adulto enquanto elemento provedor ou competente. Na nossa transcrição, o comportamento vocal/verbal antecede a coluna do comportamento não-verbal.

Utilizamos, também, uma coluna para a anotação do "tape counter", que serve para localizar na fita o que foi transcrito e uma outra coluna para a descrição do comportamento verbal e não-verbal das observadoras, ou eventualmente, de um outro participante, onde o comportamento não-verbal é colocado entre parênteses, abaixo do comportamento verbal.

Como a descrição da ação motora tanto da mãe como da criança acaba sendo mais extensa que a descrição daquilo que é enunciado por uma ou por outra, e diante da necessidade de combinar os comportamentos motor e vocal/verbal, para cada uma e entre as duas, foi preciso recorrer a um sistema de abreviações para descrever a ação motora.

Devido à complexidade do sistema proposto por Ochs para realizar tal

descrição e à preocupação de se tornar a transcrição acessível a qualquer tipo de leitor, nós decidimos desenvolver um sistema próprio de abreviações para as palavras que apareciam com maior frequência e continuamos a escrever por extenso as palavras que ocorriam menos.

Para a descrição das vocalizações da criança foram usados os símbolos dos sistemas de transcrição fonética disponíveis. Com relação à fala da mãe, preferiu-se a transcrição ortográfica.

Por causa da restrição quanto aos sistemas disponíveis para a descrição dos aspectos paralingüísticos da fala, temos utilizado curvas para marcar a direção da entonação e os "picos" de tonicidade dos enunciados da mãe e da criança e, também, o sinal de dois pontos (:) para indicar os prolongamentos de sons, ocorridos no meio e no final das palavras. Outros aspectos, referentes à postura articulatória da mãe e a características dos sons da criança que não são esclarecidas apenas através do uso da transcrição fonética, têm sido descritos discursivamente, entre parênteses, acompanhando a transcrição dos enunciados da mãe e da criança. Essas decisões foram sendo reformuladas à medida que novas transcrições foram realizadas.

A primeira tentativa de análise de dados da coleta, tendo em vista a fala e a ação da mãe nas situações de prestação de cuidados à criança, resultou num trabalho (Gama, 1986) que apontava para a multiplicidade de vozes que a mãe encenava na relação com a criança, o que denominamos Molduragem (Albano, 1986), por crer que, através dessas vozes, a mãe emoldurava os sons e movimentos emitidos pela criança. Além disso, indicamos uma marcação que a mãe fazia, através de sua fala, da própria ação sobre a criança, à qual denominamos de Pontuação (Albano, 1986) e ainda, a coordenação entre a fala e a ação motora da mãe.

A ênfase nessas múltiplas vozes da mãe levou-nos à afirmação de que é através das mesmas que os sons e movimentos emitidos inicialmente pela criança, transformam-se mais tarde em fala e atitudes significativas. Isso refletia a visão sócio-interacionista de que, ao interpretar o mundo para a criança, através de sua fala, a mãe faz com que a criança se torne posteriormente capaz de interpretar os significados da fala.

O problema com a nossa afirmação é que, além da confusão que a análise das vozes continha entre o ponto de vista da mãe e o do pesquisador, projetados sobre a perspectiva da criança, ela pressupunha a existência de uma "sintonia" entre as atuações da mãe e da criança nos níveis da ação-vocalização/verbalização. Fazia-se então necessário definir o que estava sendo chamado de sintonia, já que o termo parecia bastante vago.

Uma retomada do pressuposto sócio-interacionista mostrou que aí também havia uma certa circularidade com relação à definição de termos como: partilha, troca, permuta, sincronização, os quais eram tidos como implicação necessária da idéia de comunicação entre dois indivíduos. Entretanto, tais termos não eram definidos, mas necessários a priori para as definições de sistema comunicativo e de estrutura de permuta, essa última tida como a base da estrutura comunicativa (Lier, 1983).

A afirmação de que o desempenho do adulto é fundamental para possibilitar a negociação com a criança, já que a ele cabe o papel de principal estruturador da atividade dialógica, sugere que o papel do adulto esteja sendo enfatizado na relação com a criança, muito embora a visão proposta fosse a de um adulto co-autor (Lier, 1983).

Na tentativa de resolver o problema da ênfase no papel do adulto e da indeterminação do que estava sendo designado por sintonia, decidimos realizar uma revisão da literatura psicológica, na qual se escolhem os autores ligados à Psicanálise e à Etologia, devido à importância conferida por esses campos à relação mãe/criança. Esses autores porém, apenas reafirmavam a ênfase no papel da mãe e a necessidade de uma sintonia estreita entre ela e a criança como um pré-requisito necessário ao bom desenvolvimento de um dos aspectos da segunda (emocional, vinculativo/afetivo, cognitivo e social).

Assim, para Winnicott (1958; 1960), a mãe, através da relação que estabelece com a criança para que lhe sejam prestados os cuidados necessários ao seu bem estar, participa das relações objetais que a criança estabelece com o mundo e também de seu processo de individuação. O autor coloca, ainda, a necessidade de uma maternagem suficientemente boa, como forma de assegurar a formação de um ego forte na criança.

Na teoria da vinculação (Attachment), representada aqui por Ainsworth e seus colaboradores (1970; 1971; 1972; 1974), a criança é pré-adaptada ao mundo social, uma vez que ela é tida como geneticamente propensa à interação com outras pessoas desde o nascimento, devido a seu equipamento sensorial sensível a estímulos originados, na sua maioria, de outras pessoas, que ativariam seus sistemas comportamentais. O adulto, por sua vez, é propenso a responder aos sinais emitidos pela criança, de um modo característico da espécie.

Assim, dentro dessa visão, a falta de sensibilidade da mãe para os sinais originados na criança é vista como fruto de um desenvolvimento anômalo de sua personalidade, o que promoverá o desenvolvimento anômalo da criança. Ainsworth e seus colaboradores tentam mostrar como um bom vínculo afetivo entre a criança e a mãe é necessário ao bom desenvolvimento cognitivo da criança, já que a falta de tal vínculo afeta o comportamento da criança de exploração do meio e até a aquisição de permanência do objeto, que, segundo eles, seria precedida pela aquisição de permanência de pessoa. Também o comportamento comunicativo da criança ficaria prejudicado pela falta de um bom vínculo da criança com a mãe, pois isso não permitiria a inibição do choro, o que dá lugar a outros sinais comunicativos.

O problema com abordagens como a de Winnicott e a de Ainsworth está no fato delas subordinarem o bom desenvolvimento da criança a uma boa atuação da mãe na relação com a criança, onde a idéia de "sintonia" ou é algo pressuposto como necessário, por exemplo, para que ocorra a integração do mundo interior da criança no final do primeiro ano de vida, ou é algo postulado como dado a priori aos membros da espécie. Nos dois casos, tal idéia permanece sem explicação.

A mesma boa atuação da mãe em relação à criança é tida como condição necessária para o sócio-interacionismo, onde cabe à mãe sincronizar suas atuações com as da criança, para que disso possa surgir uma estrutura comunicativa.

Como essa primeira tentativa de resolução dos questionamentos levantados não se mostrou esclarecedora, partimos para uma revisão da coleta como um todo, uma vez que, a essa altura, ela já havia sido concluída.

Dessa revisão surgiram fatos interessantes. Num primeiro momento, vimos que, quando a criança começou a explorar mais sua própria voz, por volta dos dez meses, a mãe silenciava e não fazia nenhuma tematização daquilo que estava sendo vocalizado pela criança. Sua postura nesses momentos era de mera observadora da atitude da criança. Por outro lado, seu silenciamento implicava na ausência de uma atividade conjunta ao nível vocal, o que impossibilitava a caracterização de tais momentos como de "partilha da vocalização".

Um outro fato que chamou nossa atenção foi que, além daqueles episódios inicialmente analisados, que podiam ser vistos como momentos de "sintonia" entre a mãe e a criança (pois neles parecia ocorrer uma sucessão de encontros entre as atuações das duas), havia episódios diferentes. Nestes parecia ocorrer um desencontro entre as atuações da mãe e da criança, tanto a nível das ações motoras quanto a nível das vocalizações/verbalizações. Isso nos levou a pensar na existência de diferentes graus de coordenação entre a atividade da mãe e da criança, abrindo-nos os olhos para a hipótese de uma superdeterminação de ambas as atividades, que autorizaria ao observador enxergar aí tanto "paralelismo" como "sintonia".

Um episódio serve de exemplo quase exagerado do que acabou de ser dito. A situação é de vestir a criança após o banho, na idade de seis meses e onze dias.

A criança está deitada sobre o trocador, enrolada na toalha, olhando para cima. Agita pernas e braços, aperta os lábios e produz um som posterior. A mãe, que tinha se distanciado um pouco para pegar a fralda da criança no armário, volta ao trocador e faz rodar o móvel circular, que se encontra acima da cabeça da criança, sobre o trocador, do qual pendem palhacinhos. Enquanto isso, a criança continua balançando braços e flexionando pernas, olhando para cima. A mãe diz: "Ó? Tic-tic-tic. Cadê o seu palhacinho? O teu circo? Cadê o teu circo? Sem deixar de mexer braços e pernas e de olhar para cima, a criança produz uma seqüência de sons com característica vocálica, seguida por um "click" posterior. A mãe diz um "é" prolongado e com entonação descendente. A criança produz outra seqüência de sons com a característica vocálica, seguida por sons posteriores que se tornam cada vez mais posteriores e intensos. A mãe, que terminou de vestir a fralda na criança, diz: "Pronto, pronto, ponto. Que foi? Que que não tá bom? Que que não tá bom, ã?" A criança olha para baixo e para o lado direito, faz cara de choro e começa a chorar. A mãe pega-a no colo, dá-lhe um beijo e diz:

"Que foi, que foi, que foi? Que é que não tá bom? Que é que não tá bom?" A mãe deita-a no trocador e examina sua fralda dizendo: "Que foi Cecília? Será que é a fralda?" A criança chora mais irritada, esticando braços e pernas. A mãe pede para a observadora pegar a chupeta com a empregada. Enquanto veste a camisa na criança, a mãe diz: "Péra, péra, péra. Ela fica assim brava, a mamãe não sabe o que fazer. Ai, Jesus! "A mãe termina de vestir a camisa e a criança continua chorando. Então a mãe diz: "Não, Cecília. Péra aí. O que é que a mamãe pode te dar? Pega o chocalho no berço e balance-o na frente da criança dizendo: "Ó, ó aqui, ó?" A criança continua chorando. "Num qué?Uuuuu..." joga o chocalho no berço, pega a boneca e mostra-a para a criança dizendo: "Olha aqui, ó? Tua boneca. "Como a criança continua chorando, a mãe põe a boneca de lado, pega novamente a criança no colo, beija-a e diz: "Ah não, não não," abotoando a camisa nas costas da criança. O choro diminui um pouco. A criança vira a cabeça e olha na direção dos palhacinhos. A mãe diz: "Que foi? Que foi? Que foi? Aqui. (virando para a câmera) Ah... que foi, tão brava. Não pode... não pode..." colocando a criança deitada no trocador. O choro aumenta. A mãe põe a chupeta na boca da criança dizendo: "Ó?" Depois, enquanto prepara a calça para vestir-lhe diz: "Pronto, pronto...pronto." veste a calça e diz: "Cabô Cecília, cabô." O choro aumenta. A mãe diz: "Que será que ela tem? Será que foi a fralda que machucou?" pega a criança no colo e passa a mão por dentro da fralda. A criança continua chorando e engasga. A mãe diz: "Que foi, Cecília?" e dá uns tapinhas nas costas da criança. "Que foi? Que foi, Cecília? Que foi?" balançando a criança no colo e olhando para ela, que continua chorando. "Mamãe, mamãe ruim, mamãe ruim (fala labializada) Olha aqui (colocando a chupeta novamente na boca da criança). "Deixa a mamãe acabar de te trocar. Péra aí, péra aí. Que que foi, Cecília? Será que eu preendi alguma coisa?" Olhando mais uma vez dentro da fralda da criança. "Ah... sabe o que é isso? Sono. Tch, tch. Já vamos dormir. Pronto. Pronto, pronto. Tch, tch. Não, não. Pronto, pronto." E termina de vestir a calça na criança. "Qué dormir?" pegando a criança no colo e indo em direção ao berço. "Vamos dormir. Vem cá. Vem aqui." colocando a criança no berço. "Pronto. Pronto, pronto. Sssss..." passa a mão na cabeça da criança e segura seu braço. "Não." A criança continua chorando baixinho.

Parece difícil dizer aqui o que desencadeou o choro na criança. Uma hipótese, levantada a princípio, é que desde o início do episódio ela já estivesse de alguma forma excitada pelo móvel, o que talvez tenha chamado a atenção da mãe para que ela o fizesse rodar. Porém, não é isso que nos interessa aqui.

O que parece importante é que o surgimento de um comportamento inespe-

rado na criança criou para a mãe uma situação nova e até certo ponto indeterminada, o que se refletiu na sua fala e na sua ação sobre a criança. Apesar da experiência anterior da mãe, em situações como essa de vestir a criança, o componente novo introduzido pelo choro dificultou a coordenação da sua atuação com a da criança nesse episódio, o que em nenhum momento significou uma inadequação da sua parte, em termos do bom atendimento da criança.

A coordenação entre a fala e outras atitudes da mãe, evidente desde as primeiras observações da coleta, nos fez pensar num papel organizador da fala da mãe, o que pode ser observado, num episódio em que a criança está com três meses e três dias, numa situação de troca após o banho. Dele, foram extraídos trechos nos quais fica evidente a marcação que a mãe impõe ao ritmo de sua fala, através do uso de pausas (/) e prolongamentos (:), para coordená-la com sua ação. Os exemplos serão descritos como foram transcritos para que tal coordenação possa ser melhor observada.

Ega que a Cecília/ fechando tampa ba-
nheira
tá ficando/ começa inclinar di-
azul: de frio reção banheira com
C. no colo e deita
C. na tampa banhei-
ra.

Ai que horror (sor- segura C. com mão
rindo) direita, pegando
toalha com mão es-
querda e cobrindo
peito C. com mão
direita. Segura to-
alha sobre C. com
mão esquerda e com
mão direita cobre
barriga e pernas
C., olhando para
o que está fazendo soluço

vira corpo + p/
direita e flex.
pernas

Pronto

soluço+
segura toalha sobre
fraco
peito C. com mão
direita e cobre ca-
beça C. com mão es-
querda. Coloca du-
as mãos embaixo

Ponto, ponto	costas C., pega C.	
Olha nós lá	em pé no colo e olha direção câ- mera e volta.	
Olha nós lá.	olhando para C.	abre boca duas vezes
Mosta a língua, mos- ta		Vira olhos para lados abre boca e braço esquerdo
Fala que cê tá bra- va	beija cabeça C.	/a/ + soluço
I: sso/ mês: mo Hum	indo ao trocador com C. no colo e colocando-a deita- da sobre ele.	
Ai que frio enxugando parte ci- ma cabeça C. com duas mãos e movi- mentos circulares.	
Ai que frio	enxugando lados cabeça C. com duas mãos e movimentos circulares.	
Cadê tua/ esco:va olha parte cima trocador e com mão direita pega escova.	
Va:mos rapidi:nho/ mamãe enxugando parte trás C., soltando perna e enxugando entre per- nas e parte cima	
que eu tô com fri:ô	coxa	[xai]
Põe rápido essa mei:ã	pegando macacão usa- do, sobre trocador e jogando-o no berço	flex. perna direi ta//exten. perna esquer. Exten. e flex 2 pernas.
	

Na tentativa de encontrar um quadro teórico que pudesse dar conta de nossos achados, retomamos um autor com o qual havíamos nos deparado durante a revisão da literatura psicológica, que se posicionava contra os modelos centrados no adulto. Trata-se de Sander (1965), para quem a relação mãe-criança é construída a partir de

equilíbrios e desequilíbrios entre os membros do par, um em relação ao outro, sendo que, segundo ele, isso parece ser mais ou menos determinado pelas aquisições motoras da criança.

No decorrer do desenvolvimento, com a atividade da criança cada vez mais precisa e intencional, o ajustamento da mãe, segundo Sander, pode se tornar pouco discriminado, mesmo quando um nível adequado de reciprocidade entre ela e a criança foi alcançado anteriormente. Num determinado momento, a mãe pode ou não responder adequadamente às necessidades da criança, dependendo se ela se "acomoda" ou não às novas capacidades da criança.

Portanto, uma implicação da abordagem de Sander é que, a mãe é também aprendiz, onde muito do que ela faz pode estar primariamente destinado a organizar sua própria conduta.

Entretanto, o problema com a proposta de Sander é que apesar da tentativa de aplicação dos conceitos de adaptação e organização da teoria piagetiana ao funcionamento do par mãe-criança, tal proposta não vai além da descrição desse funcionamento e, desse modo, não chega a se configurar numa teoria.

Assim, de tudo que foi visto, parece que o funcionamento do par mãe-criança só pode ser entendido quando se pressupõe, contrariamente à idéia de "sintonia" contida na psicanálise, na teoria da vinculação e no próprio sócio-interacionismo, que os dois sujeitos do par estão em construção, assim como, a própria relação entre eles. Concebida desta forma, essa relação não parece ter nenhuma propriedade que lhe confira maior estabilidade e que, portanto, lhe garanta o estatuto de objeto privilegiado de conhecimento.

O que emerge dos nossos dados aponta para a hipótese de que a mãe se encontra num processo de conhecer a criança e de aprender a se relacionar com ela. Assim, ao mesmo tempo em que vai acontecendo a história de Cecília, se dá também a história da própria Ludmila em ser mãe de Cecília. Que Ludmila ofereça um universo organizado a Cecília é inevitável, pela sua própria necessidade de se organizar. Mas tal organização é tão complexa e arbuída que dificilmente poderia afetar a atividade de Cecília se essa não tivesse uma forte tendência auto-organizadora independente.

O papel assumido pelo social, que, na linha interacionista da psicanálise assim como no sócio-interacionismo, se reduz à diade e, na teoria da vinculação, se reduz ao biológico, ganha um caráter mais flexível na nossa proposta. Nesta, o social reflete-se na possibilidade da criança ter um ambiente favorável em que não seja mal tratada e possa se desenvolver também mas não somente a partir das relações que pode construir com as várias pessoas que a cercam. O social não determina o individual: apenas ajuda, entre outros fatores, a modulá-lo.

Diante do que foi encontrado nos dados e da afinidade com Sander, faz-se necessária uma releitura da teoria piagetiana pela noção aí contida de sujeito humano em contínua construção por equilibração, e também da proposta vygotkyana, pela noção que ela apresenta de linguagem independente do pensamento, mas contribuindo para organizá-lo.

Portanto, os próximos passos para o prosseguimento da pesquisa são:

(1) Aprofundar a leitura da obra de Piaget e Vygotsky, no sentido de superar as contradições entre esses dois autores e encontrar uma base explicativa comum para os comportamentos da mãe e da criança.

(2) Analisar episódios de graus diferentes de coordenação entre as ações da mãe e da criança, a fim de investigar o papel das atividades coordenadas no desenvolvimento da mãe e da criança.

(3) Analisar o papel da fala da mãe na organização desses episódios, procurando desvendar como "o som faz sentido e o sentido faz som" (Albano, 1986).

Acreditamos que, explicitando a riqueza e a complexidade da organização da fala da mãe, estaremos demonstrando que o universo apresentado à criança é super-determinado e, portanto, não pode servir de base a uma seleção de atividades por parte desta. Com isto estaremos dando sustentação ao trabalho de Maria de Jesus Gonçalves, que explora os aspectos auto-organizadores da atividade da criança, principalmente ao nível vocal.

BIBLIOGRAFIA

AINSWORTH, M.D.S., Bell, S.M., Stayton, D.J. (1971) "Individual Differences in Strange Situation Behavior of One-Year-Olds". In H.R. Schaffer (ed.) The Origins of Human Social Relations Londres: Academic Press.

_____, M.D.S., Bell, S.M., Stayton, D.J. (1974) "Infant-Mother Attachment and Social Development: "Socialization" as a Product of Reciprocal Responsiveness to Signals". In M.P.M. Richards (ed.) The Integration of a Child into a Social World Londres: Cambridge University Press.

ALBANO, E. (1986) "Fazendo Sentido do Som". Trabalho apresentado no IIº Encontro Nacional de Fonética e Fonologia, Brasília UnB, setembro de 1986.

_____, (1986) "Emergindo da Ilusão reducionista em Psicolinguística". Cadernos de Estudos Linguísticos, 12, 5-14.

BATES, E. (1976) Language and Context: The Acquisition of Pragmatics. Nova Iorque: Academic Press.

BELL, S.M. (1970) "The Development of the Concept of Object as Related to Infant-Mother Attachment". Child Development, 41, 291-311.

BELL, S.M. Ainsworth, M.D.S. (1972) "Infant Crying and Maternal Responsiveness". Child Development, 43, 1171-90.

- CLARK, R. (1976) "Some Even Simpler Ways to Learn to Talk". In N. Waterson & C. Snow (eds.) Development of Communication: Social and Pragmatic Factors in Language Acquisition. Londres Wiley.
- DE LEMOS, C. (1979) "Adult-Child Interaction and the Development of Aspectual Markers in Brazilian Portuguese". Trabalho apresentado na Child Language Conference. Nijmegen.
- _____, (1982) "Sobre Aquisição de Linguagem e seu Dilema (Pedaco) Original". Boletim da ABRALIN, 3, 97-126.
- GAMA, A.J.A. (1986) "As Múltiplas Representações da Criança na Fala da Mãe". Trabalho não publicado. IEL, UNICAMP.
- LIER, M.F. (1983) A Constituição do Interlocutor Vocal. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MAIA, E. (1981) "Semantics-Pragmatic Factors in the Acquisition of Phonology". Comunicação apresentada na reunião anual da LSA, 20-30 de dezembro de 1981, Nova Iorque.
- _____, (1982) "A Psicolinguística como Fonte de Renovação Epistemológica para a Linguística e a Psicologia", Boletim da ABRALIN, 3, 128-140.
- OCHS, E. (1979) "Transcription as Theory". In E. Ochs & B.B. Schieffelin (eds.) Development Pragmatics. Nova Iorque: Academic Press.
- OLLER, D.K., Wieman, L.A., Doyle, W.J., Ross, C. (1975) "Infant Babbling and Speech". Journal of Child Language, 3, 1-11.
- PALLADINO, R.R.R. (1982) As Perguntas na Estruturação do Diálogo Adulto-Criança Pequena. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SANDER, L.W. (1965) "The Longitudinal Course of Early Mother-Child Interaction: Cross-Case Comparison in a Sample of Mother-Child Pairs". In B.M. Foss (ed.) Determinants of Infant Behaviour IV. Londres: Methuen & Co. Ltd.
- WINNICOTT, D.W. (1958) "The First Year of Life. Modern Views on the Emotional Development".
- _____, (1960) "The Relationship of a Mother to her Baby at the Beginning". In D.W. Winnicott The Family and Individual Development. Londres: Tavistock Publications, 1965.